

## O FUTURO DOS EX-MINISTROS

Já há quem lhes chame a verdadeira e única oposição ao Governo. São os ex-ministros do PS que estão na bancada parlamentar socialista e cujas opiniões têm causado calafrios na direcção nacional do partido. Este verdadeiro clube dos ministros remodelados promete continuar a protagonizar uma acção política de evolução imprevisível para os próximos tempos.

Manuel Maria Carrilho

# Assim se faz uma dissidência

DANIEL ROCHA

MANUEL MARIA Carrilho, 48 anos, é, actualmente, o ex-ministro que mais dores de cabeça dá a António Guterres. O primeiro-ministro não lhe perdoa nem a forma como saiu do Governo (demitindo-se, não esperando para ser remodelado) nem o facto de se ter tornado, depois, um dos principais críticos do Executivo, na sua coluna semanal no "Diário de Notícias". Ainda por cima com assento no grupo parlamentar socialista, o que torna o caso mais complicado do que o de Sousa Franco, por exemplo. O guterrismo já está pelos cabelos com o ex-ministro, e ilustra-o bem o facto de Jorge Coelho ter perguntado anteontem "onde andou Carrilho nos últimos cinco anos".

Andou no Governo mas, segundo antigos colaboradores seus, já entrou no segundo Governo da "nova maioria" com um pé atrás. Não lhe agradou a indefinição do PS quanto ao objectivo da maioria absoluta para legislativas de Outubro de 1999, que a direcção do partido teimou em não assumir abertamente. Tentou nessa altura, quando se preparava a campanha legislativa, ter um papel mais activo fora do âmbito estrito do seu Ministério da Cultura.

Sendo de Viseu, esforçou-se por convencer Jorge Coelho, também de Viseu, a encabeçar a lista do PS pelo distrito, sendo ele o segundo. Viseu era o "cavaquistão", e ao então ainda ministro agradava o desafio de acabar com esse mito. O projecto não tinha, porém, nem a concordância de Coelho nem de José Junqueiro, que liderava (e lidera) a distrital viseense do PS e que acabou por seu o número um da lista. O resultado foi o que se



viu: Carrilho foi pelo Porto, num lugar, sexto, onde nada acrescentava à lista; em Viseu, o PSD manteve-se a força maioritária; e Jorge Coelho encabeçou a lista de Setúbal, círculo onde o PS perdeu votos e um deputado, para a CDU.

O desencanto do ministro acentuou-se. Mas Guterres convenceu-o a ficar — para desgosto de figuras do PS como Edite Estrela e António Reis, que ambicionavam preencher o lugar. Quando assume o segundo mandato

no Ministério da Cultura, começa a dar gás a duas frentes de combate que já tinha aberto, embora sem grande dimensão pública, na primeira legislatura: a tutela da RTP e a tutela da política cultural externa (isto é, do Instituto Camões). Quanto à RTP, as suas longas intervenções no Conselho de Ministros recolhem do primeiro-ministro e do ministro que tutelava a empresa, Armando Vara, o mais profundo silêncio, que é a pior resposta que lhe podem dar. Nem a escrita de um

artigo no "Expresso", distanciando-se de decisões governamentais como a criação da "Portugal Global" ("holding" da comunicação social estatal), suscita resposta.

Quanto ao Instituto Camões, Guterres sacode a água do capote, remetendo Carrilho para Jaime Gama, só que a Carrilho não agradam respostas destas. Está farto de estar no Governo. A desilusão política temperou-a, porém, bom a bonança afectiva, iniciando um badaladíssimo namoro com a estrela televisiva Bárbara Guimarães, namoro publicamente confirmado em Maio deste ano.

Em Julho rompe-se definitivamente o elo. Carrilho acha que está em curso uma operação de asfixia orçamental do seu ministério. Fala com Guterres, este tenta convencê-lo a ficar, mas desta vez Carrilho está decidido a partir — sabe que não pode, uma vez mais, ceder à capacidade de persuasão do primeiro-ministro. No "Expresso" de 7 de Julho é noticiada a sua demissão. Carrilho saiu de rompante e nem tratou, sequer, de avisar a sua secretária de Estado, Catarina Vaz Pinto.

Hoje, no Parlamento, o ex-ministro vai sendo torpedeado com sucessivas tentativas de isolamento por parte do grupo mais afecto a Jorge Coelho. O jogo implica tudo, desde boatos a assassínios de carácter. Tratam-no já como "o ex-ministro da Cultura e actual namorado da Bárbara Guimarães". A ostracização no PS, de que é militante desde 1986, é uma questão de tempo. Assim se faz uma dissidência. ■

João Pedro Henriques